



Vol. 23, nº 2 (2022)

DOI: 10.30681/issn22379304v23n02/2022p69-86

O CONCLAMAR DO SERTÃO EM AS JAGUNÇAS, DE ROMULO NETTO

LA CONCLAMACIÓN DEL SERTÃO EN AS JAGUNÇAS, POR ROMULO NETTO

Simoni Rodrigues dos Santos¹

Priscila Darolt²

Isaac Newton Almeida Ramos³

Recebimento do Texto: 29/10/2022

Data de Aceite: 20/11/2022

RESUMO: O presente artigo apresenta um estudo sobre o conto *As Jagunças* de Romulo Carvalho Netto. Tem como objetivo reconhecer a presença do feminino em narrativas que enredam o sertão-cerrado, bem como desmistificar a ideia de que o homem seja a figura fundante dessas narrativas. Nessa perspectiva, por meio de uma revisão sistemática de literatura, foi possível comparar e estabelecer relações entre a mulher e o “mundo jagunço”, contrapondo, com isso, o estereótipo baseado na chamada domesticidade burguesa, pautada no mito da passividade feminina.

PALAVRAS-CHAVE: O sertão. Mulher. (in)submissão. *As jagunças*. Romulo de Carvalho Netto.

RESUMEN: Este artículo presenta un estudio sobre el cuento *As Jagunças* de Rómulo Carvalho Netto. Tiene como objetivo reconocer la presencia del femenino en las narrativas que enredan el sertão cerrado, así como desmitificar la idea de que el hombre es la figura fundante de estas narrativas. Desde esta perspectiva, a través de una revisión sistemática de la literatura, fue posible comparar y establecer relaciones entre las mujeres y el “mundo jagunço”, oponiéndose, con eso, al estereotipo basado en la llamada domesticidad burguesa, cerca del mito de la pasividad femenina.

PALABRAS CLAVE: El sertão. Mujer. (in)sumisión. *As Jagunças*. Rómulo de Carvalho Netto.

¹ Mestre do curso de Pós-graduação Stricto-sensu em Estudos Literários PPGEL -UNEMAT), Campus de Tangará da Serra/MT.

² Doutoranda do curso de Pós-graduação Stricto-sensu em Estudos Literários PPGEL -UNEMAT), Campus de Tangará da Serra/MT.

³ Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP; Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL -UNEMAT).



Introdução

O livro de contos *As Jagunças*, de Romulo Néto, escrito originalmente em 2007 e publicado em 2009, pela editora Carlini & Caniato Editorial, na capital do Estado de Mato Grosso – Cuiabá, faz parte da “Trilogia dos Gerais” composta pelos livros: *As jagunças*, *Contos das Gerais* e *Felisberto das Âncoras*. A trama, que envolve as personagens, apresenta-nos um bando de mulheres que mantêm uma estreita relação pelo contexto de violência, instinto de sobrevivência e a busca por justiça que tecem suas travessias no “sertão”.

O conto defende um estilo estético que ganha força e visibilidade no cenário nacional, presente no sertão de Franklin Távora, na transposição da linguagem popular evidente nos escritos de Afonso Arinos, na rusticidade sertaneja apresentada por meio das personagens de Graciliano Ramos e nas ambiguidades de um ser que transita entre o bem e o mal, como em Guimarães Rosa. As imagens do mundo sinestésico e quase nunca valorizado ressurgem através da narrativa de mulheres que respondem às experiências suprimidas, ao revelar o sertão-humano, por meio delas. Essas situações dão contornos novos a esse lugar movediço, que vai além de uma denúncia individualista, pois ao tocar as pontas soltas de cada narrativa, são tecidos enredos que entrelaçam lugares, valores e trajetórias que ressignificam a multiplicidade de vozes emergentes desse sertão. A partir do conto *As Jagunças*, é possível entender como texto e contexto são delineados a fim de desconstruir a ideia de lugar geográfico e humano convencionados pelas relações de poder.

As narrativas de mulheres fortes que imperam a lei do sertão subvertem e (des)organizam os espaços e papéis impostos a elas. A



representação desse universo multifacetado leva-nos a entender a ideia do múltiplo atribuído à figura do jagunço e a compreender a construção semântica do termo “jagunças”, que intitula o conto em análise. Essa construção implica em reconhecer como acontece a travessia das mulheres no “sertão”: “[...] assim como o diálogo dentro do monólogo, a personagem dentro do narrador, o letrado dentro do jagunço, a mulher dentro do homem, o Diabo dentro de Deus” (GALVÃO, 1972, p. 13). Dessas indefinições, passamos a entender o ser que é revelado em sua plenitude.

A partir da narrativa nettiana, faremos uma análise do sertão por meio das personagens femininas. Ressaltamos que essas mulheres, mimeticamente, representam grande parte das vozes de mulheres que compõem a imensidão dos sertões descritos pela literatura brasileira. A inversão simbólica de lugar másculo do termo jagunço para jagunça revelamos uma busca por representatividade dessas mulheres que direta ou indiretamente estão ligadas a esse mundo.

A mulher e o sertão: vozes insubmissas

As narrativas que precedem o conto *As Jagunças* se concentram em apresentar as tragédias pessoais das mulheres, ora como mocinhas ora como transgressoras da moral e do bom costume, no entanto fogem de elucidar a proatividade dessas mulheres que sobreviveram às mazelas de um sertão que sempre foi dominado pelos homens.

Nétto escreve e inscreve, pela primeira vez, uma literatura em que a mulher como protagonista, além do título de jagunça, é movida pelo sentimento de justiça ao enfrentar seus opressores, é vista como a mulher que mata, saqueia e é dona do seu próprio destino. Todo enredo é



constituído de narrativas que revelam, por meio da memória, as travessias do seu próprio sertão. Esse sertão de ninguém, apresentado no conto, assemelha-se ao que uma das maiores estudiosas sobre Guimarães Rosa afirma a respeito do sertão roseano, no qual: “tudo é e não é” (GALVÃO, 1972, p. 12).

A partir desse pensamento crítico, apontamos que o sertão nettiano é tecido por pelo menos vinte vozes solitárias femininas, bem diferente da obra *Roseana*, que traz uma solitária voz masculina atraída por uma que o personagem Riobaldo não sabe ainda que é feminina. Essas vinte vozes femininas, ao se confrontarem, reconhecem-se e apresentam suas individualidades aos leitores, cabendo a estes decodificar seus dilemas.

Esse movimento de reconhecimento culmina na cumplicidade do coletivo de um raro bando de jagunças, personagens essas que interpretam a desorganização das convenções patriarcais ao buscarem, por meio das ações, representar a força de um universo de fêmeas que é sustentado pelo sentimento de justiça e pelo instinto de sobrevivência.

Ao adentrarmos ao universo jagunço, na literatura brasileira, um dos primeiros escritos a reconhecer a mulher no ambiente do sertão foi o romance *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz, publicado em 1992. Neste, temos o instinto avesso de uma sinhazinha que passa a liderar um bando. Todavia, Dona Moura era a mandante dos crimes e saques. Ela manda matar o padrasto e, em seguida, o amante, o que implica dizer que o sangue daquele sertão foi derramado em nome dela, e por tudo que ela poderia oferecer para aqueles que a seguiam, indiferente de suas ações.

Procedimento um pouco diferente ocorre em *As jagunças*. Percebemos que elas, assim como os jagunços, dão cabo da vida de seus opressores. E a construção dessas personagens se contrapõe à perspectiva do



romance estereotipado da mulher donzela, frágil e sempre pequena em suas expressividades; elas expõem seus pensamentos sem medo de repressão e usam da força como forma de fazer justiça.

Podemos dizer que a voz emanada de cada uma das jagunças sustenta o conclamar de mulheres “milenaes” que, também, subverteram os lugares impostos a elas, lugares que por si só urgem ser desvendados. Essa reflexão conduz o leitor a entender a composição do “ser feminino”, presente em cada narrativa, que perpassa a ideia arraigada de corpo ao nos revelar as ambiguidades que coadunam nas relações da mulher e sua travessia no mundo do sertão.

A donzela guerreira na literatura

Na história da literatura universal é possível encontrarmos narrativas em que as mulheres são protagonistas dos feitos heróicos, liderando as frentes de batalhas, citaremos alguns exemplos: na mitologia hindu, temos Chitrāngadā, que era comandante do exército do pai; na mitologia grega, temos as amazonas, uma tribo de mulheres guerreiras e atletas; Atena, deusa da sabedoria, da guerra e da civilização grega, é tida como modelo para a maioria das mulheres guerreiras; as valquírias e as donzelas escudeiras da mitologia nórdica também são personagens femininas bastante representativas; Cordélia, rainha britânica que lutou contra seus oponentes à sucessão do trono e liderou pessoalmente as frentes de batalhas; em seus escritos, o historiador greco-romano Plutarco descreve a imponência e bravura das mulheres de Argos que lutaram contra o Rei Cleomenes e o exército dos Espartanos, comandadas por Telesilla no século V a.c. No entanto, na literatura brasileira, não é comum a personagem feminina



comandar um bando. Mais difícil ainda seria comandar um bando exclusivamente composto de mulheres jagunças no sertão, uma vez que a mulher não “deveria” pertencer a esse mundo marginal, tampouco protagonizar feitos memoráveis na história do jaguncismo.

Inversamente ao que se pensa sobre a mulher e o sertão, a sua presença é reconhecida e os momentos de bravura podem ser evidenciados seja na moça que morreu tentando converter a alma desenganada do amado, assim como Luisinha ao tentar converter José Gomes em *Os Jagunços*, seja como Luzia, que não se deixa seduzir por Capriúna no Romance *Luzia homem*. As mulheres que habitam as veredas do sertão são reveladas ao transitarem as nuances sedutoras das fêmeas e a força descomunal da mulher-macho. Essa dualidade compõe as narrativas de um ser andrógino indecifrável que, ao mesmo tempo, é anjo e demônio. Dois mundos que habitam um mesmo ser em travessia.

No livro de contos, *As Jagunças*, Romulo Néto retoma o termo “jagunça” para representar essa nova configuração do “sertão”. A disposição semântica da palavra “jagunça” sugere ao leitor que a narrativa é uma proposta de reconhecimento das trajetórias das mulheres nesse universo falocêntrico. Isso propõe um enfrentamento de um lugar estereotipado de fragilidade que foi internalizado aos corpos das mulheres. Esse enfrentamento mostra as versões das histórias contadas por mulheres que subverteram a ordem e se tornaram donas do próprio destino, que se fizeram mulheres para os homens e homens para as mulheres. Essa ambiguidade atrai o leitor, sendo ele homem ou mulher, a reconhecer por meio “dela” os mistérios de um ser que é revelado como o próprio sertão.

O título da obra, curiosamente, nos remete a esse lugar de enunciação que reflete a aspereza, a insubordinação e a marginalização. O



neologismo do título, metaforicamente, sugere um lugar que é invariável entre masculino e feminino, uma vez que esse conceito de lugar, segundo Bourdieu (2012), seria uma invenção social, em que homens e mulheres teriam papéis definidos pela sociedade.

O bando: o espaço metonímico do sertão

A figura do “jagunço”, personagem histórica da literatura brasileira, sempre foi representada por homens, arregimentando-se entre aqueles que não tinham terra nem trabalho, pertencentes à plebe rural, homens livres que optaram pelo modo de vida nômade da jagunçagem, reunidos ora para fazer justiça a modos próprios e coibir a ação de bandidos, ora para espalhar o terror e o medo, invadindo cidades, saqueando e desafiando as autoridades.

O universo jagunço principado por Afonso Arinos e o sertão de Guimarães Rosa inspiraram o mundo desenrolado em *As Jagunças*, de Romulo Néto. Na formação desse lugar estritamente masculino, as mulheres eram descritas em uma intrincada dualidade: subordinada/insubordinada, meretriz/moça, bruxas/santas, compreendidas como objeto de desejo e satisfação sexual masculina. Todavia, no conto em análise, percebemos uma tentativa em desconstruir esse “sertão dos homens”, pois ao enredar o percurso da mulher no sertão, as narradoras descrevem seus sofrimentos, a brutalização de seus corpos e as conquistas desse lugar. Esse processo é percebido pelo caráter denunciativo em tom de confissão em que os acontecimentos são revelados. Desse modo, reconhecemos como a matéria social é desenvolvida por meio da palavra expurgada – por meio da qual são discutidas as questões do silenciamento da mulher e os papéis sociais que elas ocupam no sertão - e de que modo o



imaginário do sertão é reconstituído na contemporaneidade, ao trazer para a atualidade o “mito” da donzela guerreira e o “rito” desse ser que representa esse novo sertão.

As personagens compõem as tramas de um raro “bando de jagunças” que subvertem a relação de opressor e oprimido por meio da proatividade, da inteligência e da disposição para as lutas como forma de sobreviver às violências de toda ordem. A narrativa se sustenta por elucidar um “ser em construção”, que reconhece em si a força necessária para livrá-las da violência à qual foram vitimadas. Como citados anteriormente, existem inúmeros fatores que justificam o estranhamento acerca das atitudes das personagens que desregulam os papéis sociais impostos a elas. Essa relação está intrinsecamente ligada à política e às questões sociais, que discutem a posição da mulher, o equilíbrio e o desequilíbrio de poder nas relações entre os sexos. Essa discussão nos leva a compreender essa heroificação às avessas da mulher, ao longo dos tempos. Entendemos esse avesso como a desprogramação da ideia de fragilidade estereotipada aos corpos femininos. E, por meio disso, podemos experimentar um lugar que esquecemos e que foi sufocado e atrofiado por ações simbolicamente moldadas. Todo esse processo metamorfoseia o “ser feminino”, ressignifica os “lugares” e singularidades desse sertão-humano.

A narrativa se inicia na composição de um bando de jagunças que se encontram pelo reconhecimento das violências vividas por vinte e uma mulheres, que narram suas histórias de vida e, por meio da palavra falada, reivindicam os lugares que lhe pertencem. Mulheres que uniram suas tramas com o objetivo de: “[...] desencorajar os coronéis a usar mulheres como se fossem bichos desprezíveis [...]” (NÉTTO, 2009, p. 14). Em cada relato são



tecidos os motivos que nutrem seus desejos de vingança. Esse sentimento, em tom de justiça, é o elo que medeia a cumplicidade que as une.

As trajetórias das personagens se entrecruzam em confrontos, bom prosear e acalento encontrados nas águas do Paracatu, guardião das jagunças. E com a mesma intensidade indomável dos seus afluentes e ele próprio, as narrativas são desveladas. O sertão apresentado por cada personagem é aproximado por um estreito alinhavar iniciado pela personagem denominada primeira jagunça, que é responsável pela formação do bando. É na união desse bando que todas elas encontram refúgio e proteção, vindas dos mais diversos cantos e classes sociais. Revela-se, assim, a face de um ser que é desertificado e sobrevivente, que é brutalmente transmutado pelo contexto de violência.

O sertão permeado pelo bando de jagunças foi construído com o objetivo de ampará-las “[...] das fúrias dos homens [...]” (*ibidem*, 2009, p. 23). O tom sôfrego sobre o qual a narrativa é conduzida traduz as dores de um ser violentado e brutalizado, assim como o cerrado que definha com o fogo, os corpos como árvores retorcidas e castigadas lutam por sobreviver à inospitalidade do sertão.

O rio, a travessia e o reconhecimento

A passagem entre o sofrimento e o reconhecimento de que o bando era um lugar seguro tem como referência as águas do rio Paracatu, que divisava o sertão de vegetação espessa, de rios sinuosos, cortado por morros e morrotes que protegiam as jagunças do inimigo invisível (NÉTTO, 2009). Lugar dúbio que protege, semelhante ao rio que corta o sertão de Távora, presente na obra *O cabeleira*, onde “[...] os homens que vivem como as



feras [...] no seio de escusas brenhas, de regiões inóspitas e desconhecidas[...]" (TÁVORA, 1876) encontravam proteção. Na obra em questão, as águas calmas e límpidas se travestem em revoltas e ficam enlameadas, de maneira que refletem o sertão que habita aquelas almas.

Viração suavíssima passara por cima do fêvido charco das suas paixões, e deixara, se não purificadas, decerto quietas as águas que aí se enovelavam turvas e lodosas. Essas águas nunca jamais viriam a ter a limpidez do regato que se desliza em manhã de verão, por cima de prateadas areias; podiam, porém, perder o lodo e os vermes que se geram e alimentam em pútridos pântanos; podiam tornar-se mansas, como as dos lagos, azuis como as dos golfos (TÁVORA, 1876, p. 44).

O vínculo entre o rio e as mulheres nos faz reconhecer a sofrível travessia travada por cada jagunça. As águas turbulentas do rio refletem a fúria que as dominava e que aos poucos enrijece os corpos amolecidos pelo sol e pelo suor. O tempo dessa travessia parece mimetizar os mais de cem anos de solidão (NÉTTO, 2009) e silêncio que permeiam as histórias das mulheres desse sertão.

A personificação do rio como elemento simbólico é marcante nas obras de Néttto, assim como o boi é nas obras de Guimarães Rosa. A imponência de suas águas representa a travessia das personagens que ora acontece de forma turbulenta pelo sentimento de vingança, o que justifica a presença do rio “enlameado”, ora se configura como calmo lugar de refúgio das jagunças. A metáfora do rio apresenta as ações que o circundam. Nas obras de Guimarães Rosa a representação do gado indica a presença: “[...] do que se deve esperar das redondezas; se arisco e bravios, não há gente por perto; se magros, apontam a penúria do local [...]” (GALVÃO, p. 1972, p. 27). Por analogia, deduzimos que a passagem do rio, nas obras de Néttto, medeia a intensidade da vida que sobrevive em suas margens.



Na mitologia grega, segundo o filósofo grego Heráclito, não seria possível entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontram as mesmas águas, e o próprio ser que atravessa suas águas já não seria o mesmo de antes. A correnteza do rio simboliza o curso da vida e da morte⁴. Do mesmo modo, a existência humana segue o curso com a sucessão dos desejos, dos sentimentos, das intenções e das possibilidades dos seus desvios:

No rio enlameado mas seguras em nós serenas donas dos destinos dagora ou d'amanhã ã! Seguimos desviando morros morrotes pequenos montanhas caudalosos cursos d'agua que em eras outras protegiam do inimigo invisível prosseguimos rumo norte [...] cair na estrada pras barrancas do Paracatu proteger as gentes contra represálias dos poderosos (NÉTTTO, 2009, p. 24).

A consciência da mudança acontece por meio de raras afirmações que são demarcadas pelo uso do sinal de exclamação, podemos perceber essa afirmativa na citação acima. Um ciclo que se repete com todas as jagunças, a violência marca as vidas das protagonistas, que lavam suas mágoas nas águas do Paracatu. Essa linha vertical representada pela travessia do rio leva-nos a reportar aos estudos de Walnice Vilalva (2004), acerca das Marias: estudos sobre a donzela guerreira no romance brasileira, na obra *Memorial de Maria Moura* de Rachel de Queiroz, que também apresenta uma travessia que delinea “[...] metaforicamente, o espaço do sagrado e do humano, do feminino e do masculino.” (VILALVA, 2004, p. 61).

⁴ RIO. **Dicionários de símbolos.** 2008-2021. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/rio/>. Acesso em: 25 abr. 2021.



O "rio enlameado" que corta o sertão em *As Jagunças*, assim como as águas do *Lete*⁵, na Grécia antiga, leva em seu curso boa parte do sofrimento das personagens, restando a consciência do sofrimento e do corpo brutalizado. A metáfora do rio aproxima a narrativa do "rito", que indica a travessia das jagunças, e suas margens representam o elo que une as vidas dessas mulheres. A travessia das águas significa a purificação e a capacidade de eliminar em partes as lembranças e os vestígios dos pecados. (PURG, XXVI, 108, *apud* VILALVA, 2004, p. 62). Desse modo, podemos dizer que a imagem do rio conclama não somente à travessia, mas à conquista e à confirmação da passagem das heroínas de um estado ao outro.

O desejo por vingança se revela com as águas turbulentas que, ao serem atravessadas, refletem dois mundos: o bem na figura da justiceira e o mal na figura da assassina cruel. O mundo jagunço é permeado por essas ambiguidades, isso porque o fio condutor dessas narrativas, o sentido de justiça, no contexto do sertão, é recorrente como instinto de sobrevivência e, para isso, é vital que aconteça a subversão da ordem e da moral.

O silêncio

O silêncio, lugar conflituoso no qual habita uma multiplicidade de vozes, em *As Jagunças*, é um momento de confissão e de troca. É neste vazio que são percebidos os movimentos dos corpos violentados, que se reconhecem em sua plenitude:

⁵ O rio *Lete* (do grego *Λήθη Λέθη*, "esquecimento" ou "ocultação") é um rio do Hades onde quem bebesse de suas águas esquecia-se das vidas passadas. Logo, o *Lete* passou a simbolizar o esquecimento.



[...] o silêncio é o verdadeiro solitário financiador de todas as vinganças calei respirei fundo me fechei em copas passei horas com aquelas palavras martelando a cabeça entendi: nada acontece antes da hora ninguém por assim dizer morre na véspera [...] (NÉTTO, 2009, p. 36).

O fluxo de consciência e o monólogo interior das personagens provocam sensações no leitor que, de forma empática, sente, repudia e se enfurece junto às personagens, que exploram o dizer para serem ouvidas e, com isso, enredam os interlocutores em suas tramas. Ao considerar a importância do leitor para a compreensão do contexto da obra em análise, é importante ter em mente os pressupostos da estética da recepção que podem ser aplicados ao texto. Para tanto, recorreremos aos escritos de Jauss (1994), para quem a relevância de uma obra literária não diz respeito às condições históricas ou bibliográfica que as originam, tampouco seu posicionamento em outros contextos, mas sim aos critérios da recepção, “do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade” (JAUSS, 1994, p. 8).

Neste sentido, é possível inferir que o leitor não é uma *tabula rasa*, em que o texto vai imprimir seu sentido. Inversamente, o leitor, diante de uma obra literária, traz, para dialogar com o texto, seu repertório/contexto de vida. É a partir do seu contexto singular que ele passa a interpretar a literatura. Cada leitor, de acordo com seu tempo e espaço, lê de maneiras distintas. Desse modo, devemos encarar o fenômeno literário como um processo dialógico, isto é, como um processo de comunicação, que requer do leitor um papel ativo diante do texto a quem, primordialmente, a obra literária visa (JAUSS, 1994, p. 22-23).

Posto isso, reconhecemos que, mesmo no silêncio, há ação. A relação pactuada com o leitor valoriza expressivamente a força da palavra enunciada. Ao voltarmos essa percepção para a obra em análise, podemos



inferir que, além do poder denunciativo conferido às narrativas, se estabelece uma conexão próxima ao leitor estabelecida pelo uso do narrador autodiegético. Isso pode ser compreendido de maneira direta nos discursos das personagens:

[...] depois do acontecido tinha mesmo que fugir desesperada selei meu cavalo baio apanhei armas capa ideal desembestei pelo mundo buscando esconderijo sabia que mais dia menos o povo de Isabelê sairia na minha cola não temia por mim que muito bem sei me defender mas a família seria toda torturada assassinada disto não tinha dúvidas [...] (NÉTTO, 2009, p. 35).

O sertão silenciado e sufocado pelas relações de opressão faz com que as mulheres tenham se mostrar em plenitude. Entendemos esse silenciamento não como ausência da fala ou da força, mas como a supressão destas, resultado dos processos históricos que compreendem a “constituição do ser feminino”. Ao voltarmos os olhos para esse processo, podemos perceber o quanto foi violento o reconhecimento.

Conclusão

A representação das vozes femininas, convida-nos a uma estreita travessia, em que a mulher reconhece em si e em outras um corpo mutável, capaz de lutar contra um opressor que foi disseminado socialmente nos pensamentos e nas ações dos homens e nos pensamentos das mulheres. Essa imposição mascarada de valores sociais atrofiou-lhes por décadas a força e o desejo: “como o próprio mundo, é operação dos homens; eles o descrevem do ponto de vista que lhes é peculiar e que confundem com a verdade absoluta” (BEAUVOIR, 1970, p. 203). O corpo feminino, portanto, resultava de uma aceitação social, que o via como inspiração e objeto de



satisfação sexual. As literaturas internalizaram uma imagem de mulher idealizada, de forma a consolidar a dominação masculina em seus textos e a privilegiar a visão patriarcal.

Romulo Nétto, ao compor as personagens em *As Jagunças*, reconhece essa condição privilegiada do homem e, também, é consciente desse processo excludente em relação às mulheres. Ao dar voz a protagonistas, estas recebem, em partes, o devido reconhecimento pela historiografia literária. Ao empoderá-las, por meio da palavra, as narrativas desconstroem o discurso patriarcal de musa e objeto de desejo. As mulheres tomam posse de seus “destinos”, revelando-nos, por meio delas, os sertões sufocados pelo silêncio. Ao desfrutarem da posse de seus destinos, configura-se um outro sertão, diferente daquele que vinha sendo idealizado. As jagunças da narrativa de Nétto propõem esse requerer de vozes que se unem com o propósito de justiça, seja por elas ou por tantas outras, as quais suas ações abonaram. A passividade da mulher passa a ser questionada e o protagonismo, finalmente, é desenvolvido em uma tentativa de romper com os estereótipos dominantes/patriarcais do “mundo do sertão”.

A contextualização do conto é constituída de inúmeras narrativas que acontecem em tempos e sociedades distintas. Isso possibilitou a inferência do contexto plural, sob o qual as histórias foram desenroladas. Posto isso, é possível inferir que são conferidas à obra características peculiares de Guimarães Rosa. A visão que se tem dos personagens e da própria maneira de conduzir as narrativas instiga o interlocutor-ouvinte a adentrar nas nuances dessas narrativas, capaz de dialogar com o que está posto. Nétto apresenta um universo que transita entre o mito e o rito, preocupa-se com as questões sociais e inova ao reconhecer a força da mulher nesse universo dominado por homens.



Cada capítulo é desenvolvido como uma micro-novela, que enreda tramas das personagens de forma individual, posteriormente se voltam ao grande conto, quando estas mesclam suas narrativas ao coletivo do bando. O enviesar das histórias acontece pelo reconhecimento do contexto da violência personificada no conto pelas cicatrizes vislumbradas, e, metaforicamente, pelas confissões, além de outros recursos linguísticos e estilísticos. Esse processo de constantes agressões resultou em um estado de exaustão dessas mulheres, que não mais se submetem às agressões e as usam contra seus agressores como forma de sobreviverem ao contexto de violência ao qual foram condicionadas. Para combater seus opressores, negavam qualquer tipo de sentimento, tanto de amor quanto de ódio, pois o que as movia era o sentido de justiça. Todavia, é no convívio do bando que a humanidade das personagens é recobrada, mesmo que as feridas do passado continuassem presentes, foi com/no bando que elas foram ouvidas e, por meio da palavra, suas histórias foram significadas.

Através de uma literatura não canônica, reconhecemos a construção de um sertão no qual as leis são impetradas por mulheres, lugares desconhecidos revelam as veredas de cada sertão confessado pelas 21 jagunças. Mulheres que se mostram, em matriz selvagem, tão sobreviventes quanto às barrancas do rio Paracatu, seu protetor natural. O autor, ao dar voz às personagens, pactua a relação entre narrador e leitor, pois ao adentrar as nuances das narrativas o leitor toma posse dessa voz, sendo ele a própria voz. Foi possível inferir tal menção pelas passagens do conto em que as personagens se apresentam ao leitor de forma direta, no intuito de que a representatividade dessas mulheres se estendesse a qualquer tempo e lugar, por tratar de questões que até hoje são “tabus sociais”, sendo elas: o desejo,



a força, a inteligência e a não resignação ao patriarcado e o reconhecimento de suas trajetórias.

Referências

Textos Literários

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

NÉTTO, R. **As Jagunças**. Cuiabá/MT: Carlini & Caniato, 2009.

NÉTTO, R. **Coleção faroeste sertanejo: Sertões de Sangue**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2013.

OLÍMPIO, D. **Luzia-homem**. Baseado na 9 edição, São Paulo: Ática. 1983. Disponível em: www.bibvirt.futuro.usp.br. Acesso em: 13 out. 2020.

QUEIROZ, R. de. **Memorial de Maria Moura**. 21. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. Disponível em: <https://elivros.love/livro/baixar-memorial-de-maria-moura-rachel-de-queiroz-epub-pdf-mobi-ou-ler-online>. Acesso em: 23 out. 2020.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. 102. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. Biblioteca Luso Brasileira, Editora Nova Aguilar, 1994.

TÁVORA, F. **O Cabeleira. Ministério da Cultura: Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro**, 1876. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

Teoria Literária

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: 1-Fatos e Mitos**. 4. ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia Livros, 1970.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. In: _____. **Poder simbólico**. 13 ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro Bertrand Brasil., 2010.



Vol. 23, nº 2 (2022)

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Maria Helena. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

GALVÃO, W. **As formas do falso**. Um estudo sobre a ambigüidade no Grande sertão: veredas. São Paulo: Perspectiva, 1972.

JAUSS, H. R. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Ática S.A, 1994.

Crítica Literária

VILALVA, W. A. M. **Marias**: estudo sobre a donzela guerreira no romance brasileiro. Campinas, SP: [.n.], 2004. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem) Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2004. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2021.